

Professor José Rodeghiero: trajetória docente e envolvimento comunitário

Teacher José Rodeghiero: teaching trajectory and community involvement

El profesor José Rodeghiero: trayectoria de la enseñanza y la participación de la comunidad

Renata Brião de Castro¹, Patrícia Weiduschadt²

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas-RS, Brasil

Resumo

Este artigo tem como objetivo abordar a trajetória de José Rodeghiero no período em que foi professor da Escola Garibaldi, município de Pelotas (RS), Brasil, durante os anos de 1929 a 1950. Para além da atuação do professor como docente exerceu diferentes funções na localidade, cumprindo outras designações além do exercício da docência. Utilizam-se como fontes um manuscrito escrito pelo professor, jornais da época, além do uso de entrevistas ancoradas na metodologia da história oral com os moradores do entorno e ex-alunos do professor. Para amparar teoricamente as pesquisas, apoia-se principalmente no conceito de identidade, fazendo reflexões sobre a identidade étnica, uma vez que esse grupo é originário dos imigrantes italianos que se instalaram na localidade no final do século XIX. As reflexões sobre o campo da memória também são pertinentes para o texto, uma vez que as principais fontes decorrem das entrevistas. Ainda a abordagem se dá por meio dos documentos escritos, ressaltando a intencionalidade do docente em guardar o manuscrito, revelando a perpetuação da memória preservada até os dias atuais. O professor José Rodeghiero possuía um vínculo com a comunidade escolar e era participativo da vida no local, além de ser morador da região e também pertencente ao mesmo grupo étnico.

Palavras-chave: Professor de escola rural, Imigração, Comunidade local.

Abstract

This article aims at teacher José Rodeghiero's career path during the time when he was a teacher at the Garibaldi School in the municipality of Pelotas (RS), Brazil, from 1929 to 1950. In addition to his role as a teacher, Mr. Rodeghiero performed different duties in the community, having done different assignments besides teaching. The study sources included a manuscript written by the teacher, newspapers of the time, besides interviews based on oral history methodology with local residents and former students of the teacher. The theoretical support of the research is mainly based on the concept of identity, with specific reflections on ethnic identity, since this community was originated by Italian immigrants that settled in the area at the end of the XIX century. Reflections on the field of memory are also relevant to the text, as one of the main sources comes from interviews. The research also relies on written documents which emphasize the teacher's intention to preserve the manuscript, thus perpetuating and preserving memory until the present day. Mr. José

1 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: renatab.castro@gmail.com

2 Professora na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Pelotas, doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: prweidus@gmail.com
Agência de fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Rodeghiero had a special bond with the school community and was participative in the local life, in addition to being a resident of the area and belonging to the same ethnic group.

Keywords: Rural school teacher, Immigration, Local community.

Resumen

En este artículo se pretende abordar la trayectoria de José Rodeghiero el período en que fue profesor en la Escuela Garibaldi dentro del municipio de Pelotas (RS), Brasil, durante los años de 1929 a 1950. Además del papel del maestro como maestro, esto sirvió otras funciones en su lugar, el cumplimiento de otras tareas que no sólo enseñan. Para lograr este objetivo se utilizan como fuentes de un manuscrito escrito por el profesor, los periódicos de la época, y el uso de entrevistas ancladas en la metodología de historia oral con los residentes y ex alumnos de la maestra circundantes. Para apoyar la teoría, la investigación se basa principalmente en el concepto de identidad, haciendo reflexiones sobre la identidad étnica, ya que este grupo se origina de inmigrantes italianos que se asentaron en la ciudad a finales del siglo XIX. Reflejos en el campo de la memoria también son relevantes para el texto, ya que las principales fuentes proceden de las entrevistas. El enfoque se da por medio de los documentos escritos, resaltando la intencionalidad del docente en guardar el manuscrito, revelando la perpetuación de la memoria preservada hasta los días actuales. La encuesta señala que el profesor José Rodeghiero tenía una relación con la comunidad escolar, participó en la vida en el lugar, además de ser residente de la zona y también perteneciente al mismo grupo étnico.

Palabras clave: Maestro de escuela rural, Inmigración, Comunidad local.

Introdução

Este artigo tem como objetivo abordar a trajetória do professor José Rodeghiero durante sua atuação na Escola Garibaldi (Pelotas/RS), no recorte temporal entre os anos de 1929 e 1950. Ao elencar aspectos da trajetória docente do professor, serão também abordados, neste texto, dados referentes à sua participação na vida comunitária na localidade da Colônia Maciel, região na qual a escola se situa. Por ser uma escola rural, a inserção do professor na comunidade foi importante para sua aceitação no espaço escolar³. Para embasar teoricamente o estudo, utiliza-se das reflexões acerca da identidade étnica, pois consideramos se tratar de um grupo formado inicialmente por imigrantes italianos vindos da Europa no final do século XIX. Ademais, utilizam-se as reflexões sobre a produção de documentos considerados não oficiais, os escreventes o fazem com intuito de perpetuação da memória, como é o caso de um manuscrito produzido pelo professor José Rodeghiero⁴. Ainda, discute-se sobre a memória, uma vez que são utilizadas neste trabalho, também, fontes orais. Neste caso, faz-se uso de entrevistas, realizadas pelas pesquisadoras, bem como narrativas que constam no acervo do banco de imagens e sons do Museu Etnográfico da Colônia Maciel (MECOM); os jornais Diário Popular, A Opinião

3 Estamos entendendo espaço escolar como um dos elementos chaves na cultura escolar. De acordo com Viñao Frago "a instituição escolar ocupa um espaço que se torna, por isso, lugar. Um lugar específico, com características determinadas, aonde se vai, onde se permanece umas certas horas de certos dias, e de onde se vem. Ao mesmo tempo, essa ocupação de espaço e sua conversão em lugar escolar leva consigo sua vivência como território por aqueles que com ele se relacionam. Desse modo é que surge, a partir de uma noção objetiva – a de espaço – lugar – uma noção subjetiva, uma vivência individual ou grupal, a de espaço – território" (VIÑAO FRAGO, 2005, p. 17).

4 Este é um documento sobre o histórico da Escola Garibaldi, escrito pelo professor José Rodeghiero, durante os anos em que esteve na escola. O manuscrito se encontra disponível no arquivo da instituição escolar.

Pública, ambos do município de Pelotas, e também os periódicos A Federação e O Momento, os quais tinham uma circulação mais abrangente em nível estadual. Nestes periódicos buscou-se informações sobre a atuação do professor, e por isso, serão utilizados neste artigo.

Para organizar o texto, o mesmo foi dividido em quatro tópicos. O primeiro traz algumas considerações teóricas, as quais fornecem suporte para sustentar o estudo; o segundo trata de alguns aspectos da vida do professor; o terceiro especifica a atuação do professor na Escola Garibaldi e, por fim, analisa-se a influência de José Rodeghiero na comunidade local. É importante observar que para tratar da permanência do professor na instituição por um longo período de tempo, fez-se necessário trazer alguns dados posteriores a sua saída da escola e analisar as possíveis consequências junto ao professorado da Escola Garibaldi⁵.

Breves considerações teóricas

Na década de 1929, marco inicial na temporalidade da investigação, os moradores da região da Escola Garibaldi eram em sua maioria descendentes de italianos. A noção de coletividade está presente nestas comunidades que, muitas vezes, na forma de mutirão e esforço coletivo, envolveram-se na construção de espaços e edificações comunitários. A identidade local é uma característica dos grupos imigratórios de origem italiana que, ao se estabelecerem no Brasil, esforçavam-se conjuntamente para constituir as instituições de que necessitavam, ou cobravam das autoridades o auxílio de que precisavam. Na localidade pesquisada, nota-se a participação da comunidade, por exemplo, na construção da escola e da igreja. Desta forma, podemos inferir que tal mobilização é uma forma de constituição da identidade de grupo, conforme Woodward, ao analisar a identidade de grupos:

A identidade é, na verdade relacional, e a diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades (na afirmação das identidades nacionais, por exemplo, os sistemas representacionais que marcaram a diferença podem incluir um uniforme, uma bandeira nacional ou mesmo os cigarros que são fumados). [...]. As identidades não são unificadas. Pode haver no seu interior que têm que ser negociadas; [...]. (WOODWARD, 2014, p. 13-14, grifo do autor).

Contudo, é necessário compreender sobre o pertencimento étnico e as questões permeadas por aspectos identitários, levando em consideração a constituição da comunidade da Colônia Maciel, que ocorreu inserida no processo imigratório do final do século XIX. A identidade está sendo pensada como algo construído, que vai sendo modificado ao longo do tempo e, neste contexto, está interligada com o pertencimento étnico da localidade.

Poutignat e Streiff-Fenart (2011) explicam, a partir de Max Weber⁶, o que são grupos étnicos:

São esses grupos que alimentam uma crença subjetiva em uma comunidade de origem fundada nas semelhanças de aparência externa ou dos costumes, ou dos

5 Sobre a Escola Garibaldi e o professor José Rodeghiero há a dissertação da autora deste texto, intitulada de "A Escola Garibaldi e o professor José Rodeghiero na Colônia Maciel – Pelotas (RS) (1928 – 1950): grupo local e etnia".

6 Neste texto, os autores Poutignat e Streiff-Fenart (2011), trazem essa reflexão sobre o que são os grupos étnicos, a partir de Max Weber.

dois, ou nas lembranças da colonização ou da migração, de modo que esta crença se torna importante para a propagação da comunalização, pouco importando que uma comunidade de sangue exista ou não objetivamente (WEBER, 1971, p. 416, *apud*, POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 37).

Neste caso, pode-se notar que uma das características dos grupos étnicos é a crença na comunidade de origem em comum, na investigação seria a ideia de serem descendentes de italianos, oriundos de uma Itália em profunda crise econômica. Anderson (2008) escreve sobre as comunidades imaginadas, embora o autor se refira, de forma mais específica, às nações, é possível relacionar com as comunidades menores. Para Anderson (2008, p. 33), “[...] qualquer comunidade maior que a aldeia primordial do contato face a face (e talvez mesmo ela) é imaginada [...]”. As comunidades se distinguem pela forma como são imaginadas. Candau (2014) teoriza sobre a identidade nas narrativas constituídas:

[...] O narrador parece colocar em ordem e tornar coerente os acontecimentos de sua vida que julga significativos no momento mesmo da narrativa: restituições, ajustes, invenções, modificações, simplificações, “sublimações”, esquematizações, esquecimentos, censuras, resistências, não ditos, recusas, vida sonhada, ancoragens, interpretações e reinterpretaciones constituem a trama desse ato de memória que é sempre uma excelente ilustração de estratégias identitárias que operam em toda narrativa (CANDAU, 2014, p. 71).

Conforme o autor, no momento da rememoração, os narradores fazem escolhas do que falarão aos pesquisadores, e a identidade faz parte deste processo. O que evocar e o que silenciar no ato da entrevista, é uma função da memória, a qual está permeada por aspectos identitários.

Assim, percebe-se, que a identidade é uma das categorias importantes neste processo analítico, tendo em vista a formação étnica desta comunidade, bem como as relações estabelecidas neste grupo. No entanto, este grupo ainda se reconhece como italianos, decorrentes do processo de imigração em direção ao Brasil em busca de melhores condições de vida. Mesmo com essa visão essencialista⁷, construíram esse sentimento de pertença, planejando de forma coletiva o que julgavam importantes dentro dos seus costumes e hábitos. E o fato do professor José Rodeghiero ter permanecido durante tanto tempo na instituição escolar, pode, em muito, estar relacionado com esse pertencimento étnico.

Aspectos da vida do professor José Rodeghiero

Neste item será abordada a trajetória do professor José Rodeghiero e sua atuação na Escola Garibaldi, bem como sua interação social na comunidade da Colônia Maciel. Ressalta-se que este não é um estudo biográfico, mas sim uma abordagem sobre a atuação desse profissional na escola e na comunidade da Colônia Maciel.

O professor José Rodeghiero era descendente das famílias de imigrantes italianos que se instalaram na região rural do município de Pelotas. Conforme as entrevistas com os filhos do professor, Natal e Ariano Rodeghiero, seus avós (pais de José

7 A maioria dos grupos imigratórios acredita que a terra natal ainda permanece inalterada, partilham valores essencialistas, ou seja, acreditam em valores essencialmente italianos que já foram modificados desde o século XIX. Para saber mais o conceito de identidade essencialista ver em Woodward (2014).

Rodeghiero) ter-se-iam inicialmente instalados no Estado de Minas Gerais, onde nasceu José Rodeghiero no ano de 1894.

Conforme a entrevista com os filhos do professor, seus pais ao chegarem ao Brasil, foram trabalhar no Estado de Minas Gerais. Após alguns anos vieram para o Rio Grande do Sul trabalhar nas pedreiras da localidade de Monte Bonito⁸ no município de Pelotas e, posteriormente instalaram-se na Colônia Maciel. Conforme a narrativa, a ida à Colônia Maciel foi em razão de que “já tinha muitos italianos lá” (MECOM 5)⁹. É possível nesta fala perceber elementos da etnicidade, uma das categorias de análise principais para a compreensão deste texto.

O professor, antes de atuar na Escola Garibaldi, ministrava aulas em um colégio particular da região, onde os alunos subsidiavam o seu salário. Depois foi subvencionado pelo Estado do Rio Grande do Sul (RS). As subvenções eram uma prática comum neste período. Vale ressaltar que os professores eram subvencionados pelo Estado ou pelo Município. As subvenções eram concedidas com a condição de que as aulas fossem ministradas na língua vernácula (LUCHESE, 2007). É importante observar que a zona rural do município de Pelotas recebeu muitos imigrantes e o regime de subvenções foi, também, utilizado como um meio de nacionalização, já que as aulas dos professores subvencionados deveriam ser ministradas em português.

No relatório da Intendência do ano de 1927, encontra-se referência à subvenção concedida ao professor Rodeghiero, conforme o documento: “Aulas subvencionadas pelo município – com o fim de manter as respectivas escolas, concedi auxílio anual de 600 \$000 aos professores Joaquim Thomaz Affonso dos Reis e José Rodrigheiro, já subvencionados pelo Estado” (RELATÓRIO DA INTENDÊNCIA, 1927, p. 227). Neste caso o professor foi subvencionado pelo Estado do RS e pelo município de Pelotas, ao mesmo tempo. No relatório do ano anterior, 1926, há a listagem das aulas subvencionadas pelo Estado, na qual consta o professor José Rodeghiero na região do Rincão da Caneleira, também na área rural do município de Pelotas. O relatório da Intendência de 1915, também cita o professor José Rodeghiero como subvencionado pelo Estado na mesma localidade. Assim, pode-se compreender que este professor ministrou aulas na região pelo menos desde o ano de 1915. Em uma das entrevistas realizadas, foi mencionado que José Rodeghiero ministrou aulas durante 40 anos na zona rural do município. No ano de 1929, o docente começou a ministrar aulas na Escola Garibaldi¹⁰.

É importante observar que, no manuscrito do professor José Rodeghiero, não há nenhuma menção a essas atividades anteriores a da Escola Garibaldi. O professor realizou concurso para ingressar na Escola Garibaldi. Sobre esse fato, encontram-se informações no próprio manuscrito e também nos periódicos locais.

Na data de oito de janeiro de 1929, foi publicada, no periódico Diário Popular, a divulgação do edital de concurso para as escolas municipais rurais, estabelecendo que seriam realizadas provas escritas e orais. Um ponto interessante para se pensar sobre este concurso, refere-se à notícia de igual teor, em outro edital, no mesmo modelo, direcionado às escolas urbanas, o que demonstra que os interessados deveriam se inscrever escolhendo se iam trabalhar na área rural ou na urbana. Assim

8 Esta é uma localidade do município de Pelotas distante 26 km da Colônia Maciel, aproximadamente.

9 Dados do entrevistado: aluno da Escola Garibaldi nos anos de 1940, filho do professor José Rodeghiero, sem identificação da idade.

10 Entrevista com um ex-aluno da Escola Garibaldi e filho do professor José Rodeghiero.

pode-se refletir sobre a permanência do professor nas escolas rurais, visto que era mais fácil a adaptação de uma pessoa que já fosse da região.

Ainda no ano de 1929, o professor Rodeghiero prestou concurso para dar aulas na Escola Garibaldi. A reportagem no jornal Diário Popular foi assim publicada:

Concurso para professores rurais

Perante a banca composta dos Drs. Jorge Salis Goulart, presidente Hugo Vieira da Cunha e Romeu Iruzum, examinadores, e assistência do diretor interno da Instrução Pública Sr. João Simões Lopes Filho, realizou-se o exame para professores rurais, tendo sido aprovados os candidatos Lamartine Augé, Dinah Veiga, Affonsina Lafourcade, **José Rodrigheira** e Flora Sequeira Padilha (DIÁRIO POPULAR, 19/02/1929, p. 1, grifo nosso).

A existência de concurso específico para os professores no meio rural, denota que, naquele momento, os professores ao se inscreverem para o concurso deveriam optar por exercer a regência na zona rural ou urbana. O professor Rodeghiero registrou em seu manuscrito o momento em que passou a residir numa residência próxima à escola. Esta era uma prática recorrente na época, o professor das escolas rurais permanecer próximo ou junto à escola. O entrevistado abaixo (filho do professor e aluno da escola) ressalta que o professor ministrou aulas em outra escola. Segue o depoimento:

E: A primeira foi a Garibaldi, eu nem sei que ano foi, não tenho datas.

P: Foi 1929 que começou as aulas

E: Que começou em 1929?

P: Sim, em 1929 foi construída e em 1929 começou as aulas.

E: Então, o papai deu aula em outra escola antes, lá no Rincão da Caneleira, já ouviu falar nesse nome?

[...] (N.R., 2016)¹¹.

Sobre a formação de José Rodeghiero, nas narrativas foi inferido que ele era um professor leigo:

E: Eu acho que ele estudou foi sozinho, eu sei que ele foi nomeado, naquele tempo não dizia prefeito era interventor, foi nomeado pelo interventor, não me lembro, não sei quem era [...] (N. R., 2016)¹².

Depois que o professor Rodeghiero começou a trabalhar na Escola Garibaldi, ele escreveu um documento sobre o histórico da escola. O manuscrito fornece uma série de dados que podem ser problematizados. O primeiro seria o próprio documento, a produção deste por parte do professor. O fato de o docente escrever um documento e deixá-lo na instituição é algo interessante de se interrogar, uma vez que, oficialmente, esse tipo de produção não era uma das atribuições do professor. Ao escrever o documento manuscrito sobre a história da escola, demonstra uma possível vontade de que seus sucessores, na regência da escola, continuassem a fazer o registro. Através desse manuscrito, além de ser possível pensar sobre a produção, a preservação desse material considerado como uma escrita ordinária denota

11 Dados do entrevistado: 83 anos; filho do professor e aluno da Escola nos anos de 1940.

12 Idem nota 9.

um interesse na sua salvaguarda, pois como indica Costa (2015), escrever e guardar está atrelado a uma memória que se preserva junto a esses documentos. Através deste, foi possível perceber a rotatividade dos outros professores na Escola Garibaldi. Este acontecimento tornou-se evidente quando, a partir de 1945, foi introduzido na escola um segundo turno, e como consequência as professoras permaneciam por um curto período na instituição, às vezes alguns dias somente, o que reforça a hipótese de que a permanência do professor seria tangenciada pelo vínculo do profissional com a comunidade local.

Sobre esse documento, ressalta-se a preocupação do docente em deixar registrado alguns acontecimentos da história da instituição escolar. Diferente dos livros de notas e das atas presentes no arquivo da escola, documentos considerados oficiais, esse manuscrito não era uma normativa que precisava ser registrada, contudo Rodeghiero se preocupou em escrevê-lo, registrando aspectos que julgava serem importantes para a escola, demonstrando todo um cuidado para mantê-lo preservado. Há uma relação entre a escrita e a memória que se queria deixar registrada e, portanto, preservada. Assim, corrobora nessa discussão Le Goff (1990) ao denotar a importância da escritura na perpetuação da memória:

O uso das letras foi descoberto e inventado para conservar a memória das coisas. Aquilo que queremos reter e aprender de cor fazemos redigir por escrito a fim de que o que se possa reter perpetuamente na sua memória frágil e falível seja conservado por escrito e por meio de letras que duram sempre (LE GOFF, 1990, p. 450).

Ao escrever com a intenção de perpetuar, o escrevente deixa registrado aquilo que determina como importante e digno de ser registrado por escrito. Da mesma forma que quem escreve elege aspectos relevantes para ser redigido, quem preserva esse material igualmente confere um grau de importância decisivo para sua preservação. Para Costa (2015, p. 38), “[...] quando quem escreveu morre, o escrito permanece lá, guardado em alguma gaveta, sustentando sua presença [...]”. Ainda utilizando as reflexões de Costa (2015):

A singularidade do escrito está associada a dois aspectos: sua capacidade de permeado e transformado tanto por quem escreve quanto por quem guarda; e sua capacidade para durar no tempo. O escrito tende a estar associado com a memória e, de fato, é um tipo de memória (COSTA, 2015, p. 37).

Assim, o ato de encontrar determinados documentos, considerados não oficiais, tem relação com, pelo menos, dois fatores: o primeiro para quem escreveu estes documentos, por que redigiu e quais as motivações; e, o segundo, refere-se a quem preservou essa documentação. Há, nessa relação, uma intencionalidade na preservação de uma memória por parte do escrevente e de quem guardou o documento.

Não se tem a pretensão de aprofundar as discussões acerca da cultura escrita e das escritas ordinárias, por não ser o foco desta análise. Porém, é significativo pontuar que o ato de escrever está associado a uma memória que se quer deixar salvaguardada e este material escrito não tem significado apenas para quem escreveu, mas também para quem o guardou ao longo dos anos. Mesmo num documento onde se encontram elementos da trajetória histórica de uma instituição escolar percebemos que nem todos os acontecimentos foram registrados, há escolhas, omissões e

silenciamentos. Artières (1998) escreve que, ao arquivarmos nossas memórias, não se guarda registro de todas as coisas e este lugar em que estivessem conservados todos os arquivos de nossas vidas é apenas imaginável, para o autor “[...] fazemos triagens nos nossos papéis: guardamos alguns, jogamos fora outros; damos arrumações quando nos mudamos, antes de sairmos de férias. E quando não o fazemos, outros se encarregam de limpar as gavetas por nós” (1998, p. 10).

Para caracterizar, o documento manuscrito pelo professor José Rodeghiero, composto por 21 páginas, que inicia abordando o contexto da colonização na localidade da Colônia Maciel, sobre as primeiras escolas existentes no local e algumas considerações sobre seu salário. É nesse momento que o professor se coloca de forma mais subjetiva no texto. Ressalta-se que, nesse manuscrito, ele não fez referências sobre sua vida pessoal, o que elenca são elementos de sua vida profissional. Num segundo momento foi escrito sobre Giuseppe Garibaldi e Anita Garibaldi, nas palavras do professor, “herói e heroína dos dois mundos”, sendo também possível perceber aspectos do pertencimento étnico. Num terceiro momento, escreveu sobre a história da Escola Garibaldi numa perspectiva cronológica. Foram descritas informações sobre a matrícula de alunos, os exames escolares, as festividades na instituição, os rendimentos do caixa escolar, as premiações aos alunos.

Interessante destacar que numa passagem, o professor Rodeghiero elucida a sua vontade de que seus sucessores na docência da Escola Garibaldi seguissem fazendo os registros dos acontecimentos da instituição e, dessa maneira, contribuíssem para a constituição da história da educação de Pelotas. Conforme o documento:

[...] E espero que de futuro, os meus sucessores na regência desta Escola immortalizem na História da Educação de Pelotas os seus nomes e sejam continuadores do Histórico da Escola “Garibaldi”, que por achar-se localizada numa Colônia, em parte italiana, foi escolhido o patrocínio de José Garibaldi, o herói dos dois mundos, jamais esquecido na história da humanidade (MANUSCRITO, p. 04, grifo nosso).

Percebe-se que o professor teve preocupação em escrever, no documento, alguns acontecimentos da instituição escolar e, como ele próprio escreveu, deixar registrado seu nome e a vontade de que os seus sucessores prossigam registrando. Para Artières (1998), “[...] a escrita está em toda parte: para existir, é preciso inscrever-se [...]”. Algo que, de certa forma ocorreu, pois se encontra, na Garibaldi, outro documento escrito sobre a história da escola. As direções subsequentes escreveram o histórico da instituição até o ano de 1995. Neste documento, encontram-se dois momentos em que é mencionada a atuação do professor José Rodeghiero na instituição escolar. Seguem os excertos:

Cabe aqui destacar o esforço do professor regente José Rodeghiero com a terra e o meio ambiente, plantando e cuidando de uma chacinha ao redor do prédio da escola e da casa escolar do professor, com uma variedade de castas finas de arvoredos (MANUSCRITO ESCOLA GARIBALDI).

No início do ano de 1951, novamente, foi dado destaque à figura do professor: “Gostaria aqui de destacar a nobre missão de professor e regente José Rodeghiero e pela alta dedicação de bem servir a causa da instrução que desempenhou nesta escola por 22 anos (de 11 de abril de 1929 até abril de 1951)” (MANUSCRITO ESCOLA GARIBALDI). Neste ponto, novamente se pensa na ligação da comunidade com

a instituição escolar, visto que não é função das escolas a produção deste tipo de material da história da instituição. Se a escola se preocupou em registrar as atividades por escrito e salvaguardar esse material, pode-se perceber a inter-relação das questões identitárias do grupo com a instituição. Muitos dos professores atuais da Escola Garibaldi são da região e foram alunos da instituição, criando, dessa forma, esse sentimento de pertencimento.

Algo interessante para se problematizar no manuscrito foi um episódio acontecido no ano de 1936, quando o professor escreveu sobre um processo que sofreu. Nas suas palavras: “[...] Por questões políticas, processos oposicionistas, influenciados por questões religiosas atentarem contra o professor que tão dignamente vinha desempenhando a sua árdua missão com protestos injustificáveis [...]” (MANUSCRITO, p. 4). Neste ponto é possível perceber que havia neste período e nessa localidade alguns conflitos influenciados por motivos religiosos e também políticos. Assim, algumas indagações persistem, por exemplo, quais seriam os motivos religiosos e políticos, referidos pelo professor? Por que especificamente nessa data? Havia algum problema com o trabalho desempenhado pelo docente? Ou, eram somente questões religiosas e políticas? Essas questões religiosas eram compartilhadas por outras comunidades? Por exemplo, a comunidade da Colônia Maciel era de orientação católica, seria então, problemas quanto à religiosidade? E quanto aos motivos políticos, de qual ordem seriam?

Decerto que esses questionamentos não serão todos respondidos, entretanto algumas problematizações são pertinentes a fim de refletir sobre a permanência do professor na localidade e na instituição escolar. Conforme já pontuado, o professor registra no manuscrito alguns episódios os quais julgou serem importantes. Desta forma, esse incidente é um indício de que foi significativo para Rodeghiero esse processo.

Na sequência do manuscrito, o professor explicou como foi resolvida a situação:

[...] Apresentando o referido protesto a apreciação do Ins. Dr. Silvio Barhedo, então prefeito de Pelotas naquela época, que mandou logo julgar o caso, destacando para isso o advogado Ins. Dr. Apodí Almeida de Oliveira, acompanhado de seu secretário Ins. Agostinho Rabelo Rodrigues para abrir inquérito, vindo ambos a escola, requereram a presença dos pais de família circunvizinhos que foram em número de 40, fazendo darem as suas declarações sobre o professor. E terminado o inquérito 38 declarações foram a bem do professor e 2 contra, sendo uma delas nula pelo pároco da colônia Pe. Jacob Lorenzet. E julgado o referido inquérito foi posto no arquivo da prefeitura e o professor continuou a sua alta dedicação de bem servir a causa da instrução; (sendo que até a data presente o professor Rodeghiero, ainda exerce o cargo de professor da mesma escola) (MANUSCRITO, p.5).

Percebe-se que esse processo relatado foi tratado pelo poder público municipal, do qual José Rodeghiero era funcionário. Da citação acima, alguns dados são importantes para análise. Quando o professor cita que os responsáveis por julgar o processo se dirigiram até a escola, a comunidade foi chamada para se posicionar sobre atuação do educador. Nesse momento, quando os pais dos alunos expressaram suas opiniões, uma delas contrária ao professor, foi desconsiderada pelo pároco local, Jacob Lorenzet. Sendo assim, o processo foi julgado e arquivado pelo poder público. Aqui se percebe um elo entre o público e o privado. Por ser uma escola municipal, a

prefeitura estava conduzindo o julgamento do processo, todavia o pároco da Igreja local, de orientação católica, teve participação e interferência no evento, anulando um dos depoimentos. Muitos assuntos são possíveis de análise, mas nesse momento ressalta-se a compreensão desse conflito existente com o professor e a relação entre escola, comunidade e igreja, mesmo que numa instituição escolar pública.

Algumas questões de ordem religiosa que o professor se referiu, possivelmente não foram ocasionadas pela comunidade da Colônia Maciel, visto que o pároco dessa igreja esteve envolvido no processo a favor do professor. Poderia ser, nesse caso, outros membros da comunidade que, naquele momento, não toleravam as práticas adotadas pelo professor Rodeghiero. Outro exemplo, ressaltado pelos entrevistados, foi de que o pároco local ministrava aulas de catequese para os alunos da escola, no próprio espaço da instituição. Logo, poderia haver algum aluno de outra confissão que não a católica, o que poderia ser um dos motivos para o conflito com o professor. É válido lembrar que a comunidade da Colônia Maciel foi colonizada por imigrantes de origem italiana, os quais eram católicos. Entretanto nas proximidades havia outras orientações religiosas, as quais poderiam estar em dissonância com a maneira como o professor ministrava suas aulas.

Quando foi finalizado o processo, o professor continuava ministrando aulas na Escola Garibaldi. De acordo com o exposto, pode-se inferir, através dos indícios, que a maioria da comunidade mais próxima à escola mantinha boas relações com o professor José Rodeghiero e era de interesse sua manutenção como docente na instituição escolar.

A atuação de José Rodeghiero na Escola Garibaldi

Conforme Merlo (1997, p. 112), “o que move uma pessoa recordar determinados fatos do passado são as preocupações com o presente: ausência ou presença de algo ou alguém; sentimentos submersos que podem vir à tona no ato de lembrar ou provocar o esquecimento”. No entanto, Candau acredita que “[...] a parte da lembrança que é verbalizada (a evocação) não é a totalidade das lembranças [...]” (CANDAU, 2014, p. 33).

Desta forma, ao utilizarmos um conjunto de narrativas orais, consideramos ser importante problematizar que a memória é seletiva, lembrança e esquecimento atuam juntos neste processo. Assim, é pertinente compreender que a teoria serve para interpretar as fontes analisadas. A memória é “guardada” em diferentes suportes, há os lugares de memória (NORA, 1993), as fotos, a materialidade do cotidiano escolar, bem como a que é suscitada pelas narrativas.

Ao entrevistar o filho do professor, nota-se que ele invocou algumas memórias sobre o período, como o professor ministrava aulas sozinho para as cinco turmas, e o respeito que havia por parte dos alunos, conforme a narrativa:

E: De manhã e de tarde, depois ia fazendo aula até não sei que horas da noite, com aqueles lampiões, minha nossa. [...] 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano, tudo misturado, era só uma salinha pequena, tu viu ali o tamaninho do colégio, dividia entre manhã e tarde. Muitos alunos, apesar de que a gurizada respeitava o professor. Mas era um espetáculo, a palmatória comia, era o tempo da palmatória, tinha um gurizinho tihoso [explica como é a palmatória], tinha um guri lá que seguido entrava na palmatória, o bichinho era teimoso. Não se ouvia um barulhinho no colégio, ninguém conversava (N.R, 2016)¹³.

13 Idem nota 9.

Os entrevistados da pesquisa não¹⁴ vivenciaram o período de construção da escola, no ano de 1928. Um deles relembra que sua mãe, no início de sua escolarização, estudou na instituição com o professor José Rodeghiero, “A minha mãe estudou nesta escola, com o mesmo professor que depois foi meu, ele deu aula muitos anos, até ficar velho, ele saiu para se aposentar, já estava velho, um pouco doente, ela estudava aqui com o professor Pepe Rodeghiero, José Rodeghiero, chamado de Pepe” (J. C, 2015)¹⁵. Neste caso, verifica-se a presença de diferentes gerações de uma mesma família ter se escolarizado na mesma instituição e com o mesmo docente, bem como se percebe a inserção social do professor na localidade. As pessoas relembram sobre graus de parentesco com o professor, e ligação de amizade com os filhos do professor Rodeghiero “O professor era dali, ele morava, criou toda a família dele ali, logo acima do museu, naquela casa que tinha” (M. E. C. 2015)¹⁶.

Candau (2014) disserta sobre as memórias fortes e as fracas. Uma memória fraca, na concepção deste autor, é aquela sem contornos bem definidos, quase não é compartilhada por um grupo, não se formando uma identidade coletiva. Já a memória forte é compacta e profunda, impõe-se sobre grande parte dos membros de um grupo, independente do seu tamanho, sendo mais fácil encontrar essa em grupos menores. (CANDAU, 2014), Da mesma forma, o autor distingue sobre o tamanho do grupo e o grau de pertinência das retóricas holistas, entendendo que é mais fácil ocorrer uma transmissão de ideias num grupo menor. Ainda para o autor: “as sociedades caracterizadas **por um forte e denso conhecimento recíproco entre seus membros** são, portanto, mais propícias à constituição de uma memória coletiva [...] do que as grandes megalópoles anônimas” (CANDAU, 2014, p. 45, grifo nosso).

Relacionando com os dados empíricos da pesquisa, encontram-se falas que permitem observar o tamanho da comunidade, ou seja, um grupo relativamente pequeno constituído por descendentes de imigrantes italianos, onde todos, ou praticamente todos, os membros se conheciam “teve mais professoras, mas eu não sei que ano vieram, teve a Neli Afonso Rodeghiero, ela foi para lá solteira nós íamos bailes juntas, e ela casou com um sobrinho dele, hoje mora aqui em Pelotas” (M. E. C. 2015)¹⁷. “Ele foi um bom professor, ele teve um filho que era meu colega, está vivo ainda. Neri, só tem ele [vivo]” (P. P, 2015)¹⁸. Reforça-se, com base na argumentação acima sobre a inserção do professor na localidade. Uma das entrevistas do acervo do Museu Etnográfico da Colônia Maciel (MECOM), a partir da análise das transcrições, a entrevistada mostra uma foto na qual o professor estava presente.

Outro aspecto recorrente nas memórias refere-se à maneira como o professor organizava o espaço escolar, e como exigia disciplina e respeito dos alunos. Considera-se tal aspecto como regular, na medida em que as narrativas indicam a forma como o professor cobrava disciplina em sala de aula. Contudo, as narrativas, por vezes, aparecem romaneadas. Para os entrevistados é compreensível que, naquela época, fosse necessária essa rigidez do professor, tendo em conta o fato de ele dar

14 Foram entrevistadas 5 pessoas para a pesquisa, todas ex-alunos da Escola Garibaldi, sendo um deles filho do professor José Rodeghiero.

15 Dados do entrevistado: 76 anos; aluno da Escola Garibaldi nos anos de 1940; grau de escolaridade: 5º ano; morador da Colônia Maciel.

16 Dados da entrevistada: 81 anos; aluna da Escola Garibaldi nos anos de 1940; grau de escolaridade: 4º ano; moradora da Colônia Maciel.

17 Idem nota 13.

18 Dados do entrevistado: 82 anos; aluno da Escola Garibaldi nos anos de 1940; grau de escolaridade: 5º ano; morador da Colônia Maciel.

aula sozinho para alunos de diferentes adiantamentos, bem como a lembrança de que, para alguns alunos, era preciso este controle.

E: Tinha provas, todos os fins de mês tinham provas, era ele mesmo que aplicava e olha era bem tremendo, vou te contar, ele estava sentado assim na escrivaninha dele assim e ele usava óculos e fazia de conta que estava escrevendo e estava cuidando a turma, era tremendo. As provas para quem estudava não era difícil (M. E. C, 2015)¹⁹.

De acordo com as narrativas, observa-se que, além dos exames finais realizados por outras pessoas, havia avaliações aplicadas ao longo do ano pelo professor. Outra narrativa refere-se a maneira como o professor ensinava os alunos mais atrasados:

E: Ele insistia até aprender, insistia, insistia. Quando é amanhã voltava “olha tem aquela matéria, tu não sabes ainda, tem matemática”, repetia quase uma semana uma matéria quando o cara estava atrasado até gravar. Eu custei aprender matemática, mas depois gravei aí sim, até hoje de matemática eu sou bom (J. C, 2015)²⁰.

É interessante pensar sobre essas lembranças acerca da figura do professor. Os alunos relatam que não havia reprovação, e ao analisar os livros de notas da escola, no entanto, percebe-se que os índices de reprovação da escola eram bastante elevados. Nesse ponto são pertinentes as reflexões sobre a memória, o que fica registrado na memória dos sujeitos, pois como sabe-se “[...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado [...] a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora a nossa disposição [...]” (BOSI, 1994, p.55). Com as explicações dos autores, entra outra vertente para se observar no momento da análise, a memória é evocada do presente, os acontecimentos lembrados referem-se a um tempo passado, mas não distanciados das vivências posteriores dos narradores.

Com essas narrativas, também foi possível notar que a figura do professor José Rodeghiero está presente na memória desses entrevistados. Em consonância com as discussões sobre memória, entende-se que a memória é seletiva, o ato de lembrar está também associado ao ato de esquecer, assim observa-se que o que se registra são fragmentos do vivido, tal como nos alerta Janaína Amado (1995), há diferença entre o vivido e o lembrado.

A escola funcionou até 1945 somente com o professor José Rodeghiero, ou seja, durante 16 anos, a escola esteve sob sua inteira responsabilidade. Após, começaram a atuar na escola outros professores, ocasionando o surgimento do segundo turno. Os entrevistados desta pesquisa rememoram esse período.

P: O senhor estudou com ele?

E: Sim, numa época sim, depois mais no fim veio professoras, não tinha professora antes que eu me lembre.

P: **Ele deu aula muito tempo sozinho.**

E: Era sozinho, na 1^a a 5^a série.

P: Todas as turmas juntas

19 Dados da entrevistada: 81 anos; aluna da Escola Garibaldi nos anos de 1940; grau de escolaridade: 4º ano; moradora da Colônia Maciel.

20 Dados do entrevistado: 76 anos; aluna da Escola Garibaldi nos anos de 1940; grau de escolaridade: 5º ano; morador da Colônia Maciel.

E: Sim, teve depois uma época em que era de manhã e de tarde, mas teve uma época que era tudo junto.

P: *Dividia as turmas, umas de manhã e outras de tarde?*

E: Sim, numa época até que eu fui de manhã e de tarde, eu estava um pouco atrasado, aí reforçava (J. C., 2015)²¹.

E: Tinha uns 10, 12, 15. Depende era aula em dois turnos.

Professor não me lembro mais qual é que era depois, não tenho lembranças dos professores. Na época que eu estudei era o José Rodeghiero, o professor mais velho (O. C., 2015)²².

A partir desse período, José Rodeghiero, passou a se autodenominar diretor da escola (GEHRKE, 2013). As professoras não permaneciam por longos períodos na instituição, havendo uma rotatividade dessas profissionais.

Em agosto de 1945 foi criado um segundo turno, regido pela distinta professora estagiária senhorinha Zilda Belchior Salengue com bom resultado em aprovações.

Vindo a nova reabertura foi a seu pedido aquela professora transferida para outra escola deixando o seu nome gravado nos seus estudantes da Colônia Maciel.

Em 27 de abril de 1946 em substituição aquela professora passou o 2º turno a ser dirigido pela professora estagiária senhorinha Elsa Rodrigues das Neves que apenas lecionou 9 dias pediu demissão de seu cargo e sendo substituída pela professora senhorinha Maria Isabel Du Pin Coelho que com maestria vem desempenhando a sua missão (MANUSCRITO, p. 03).

No documento, é possível identificar que essas professoras permaneciam por um curto período na instituição. Muitos podem ser os motivos para isso, sendo um deles a não adaptação ao meio rural, aliada à concepção de educação e escolas rurais que se tinha à época. A não permanência dessas professoras poderia ser ocasionada por vários fatores, sobretudo na zona rural, onde o ensino e as instituições escolares eram tidos como de menor qualidade em relação à zona urbana. Caso o professor não fosse da comunidade local, o deslocamento até o meio rural ou a instalação na localidade dificultava a permanência desses docentes nas escolas do interior dos municípios.

Conforme foi possível verificar, desde a saída do professor José Rodeghiero da instituição escolar até a inauguração do novo prédio, ou seja, de 1951 a 1974 (23 anos), contabilizaram-se, com base nos registros da escola, 19 professores na Escola Garibaldi. Ao analisar os documentos, há alguns motivos mencionados para estas mudanças de professores, como, a incidência de licenças médicas e pedidos de transferências para outras instituições escolares. Pessoas que não eram da localidade tinham maiores dificuldades em lá permanecer e, por conseguinte havia a constante mudança de professores.

Sobre a permanência de professores, Dias (2016), ao analisar as escolas no município de Iguazu no Estado do Rio de Janeiro entre os anos de 1929 a 1949, observa que havia uma circulação entre as professoras pelas escolas da região. A autora observa que havia algumas professoras que se encontravam por um longo período de tempo na mesma instituição. Castro e Raposo (2014) pesquisam a trajetória de quatro professoras, as quais permaneceram de 07 a 25 anos em escolas rurais.

21 Idem nota 13.

22 Dados do entrevistado: 79 anos; aluno da Escola Garibaldi nos anos de 1940; grau de escolaridade: 5º ano; morador da Colônia Maciel.

Durante o estudo, as autoras observaram que essas quatro professoras que tiveram suas trajetórias docentes nas escolas rurais possuíam em comum o fato de ter ligações com a cultura rural, ou seja, eram pessoas oriundas da zona rural. Ainda, as autoras observam que três dessas professoras possuíam nível superior e salientam que durante algum tempo as escolas rurais eram ocupadas por professores leigos. Decerto que o caso do professor José Rodeghiero é um pouco diferente. Ele permaneceu durante muito tempo na mesma instituição escolar, e há aspectos étnicos envolvidos no processo. Entretanto, o que se pretende relacionar aqui é o fato de que a permanência dos professores em escolas rurais esteve relacionada, pelo menos nesse caso, com a ligação dos docentes ao grupo local, e com a vida no meio rural.

Ainda sobre esse tema da rotatividade dos professores, reportando-se a um período mais recuado, é oportuno registrar que o professorado do Estado do Rio Grande do Sul trocava de escolas constantemente, não só de escolas, como também de cidades, cruzando em alguns momentos todo o Estado. Em outra pesquisa, as autoras ao analisarem o Almanack Escolar do Estado do Rio Grande do Sul de 1935 constatam que muitos dos docentes mudavam de instituição escolar e de cidade por diferentes motivos (AMARAL; WEIDUSCHADT; CASTRO, 2016).

Envolvimento comunitário de José Rodeghiero

José Rodeghiero não exerceu somente a função de professor na Colônia Maciel, mas esteve intensamente integrado à comunidade local. Nos jornais consultados, durante o recorte temporal da pesquisa, encontramos outras notícias que vão além da atuação de Rodeghiero como docente. Foram publicadas notícias sobre o seu envolvimento com as plantações de uva e com a produção de vinho na localidade, as quais se configuram como importantes elementos para pensar a atuação do professor no contexto local:

Os vinhedos na Colônia Maciel

O professor José Rodeghiero, residente na “Colônia Maciel”, 5º distrito deste município e secretário da Comissão Distrital Prolevantamento da Viti-Vinicultura na Colônia Maciel, é um grande entusiasta pela cultura da videira. Não medindo esforços, percorreu aquele distrito, e fez o levantamento da existência de pés de parreiras enviando ao escritório a seguinte relação [...] (DIÁRIO POPULAR, 06/02/1935 p. 5).

Percebe-se que o professor atuava em outras atividades na Colônia, sendo uma pessoa envolvida no grupo local. Além disso, por ser também professor a ele foi creditada a função de secretário da Sociedade Cooperativa Vitivinícola.

Com base nas entrevistas realizadas, pode-se notar que o professor era participativo junto às famílias e atuante nas questões da região. Em algumas notícias veiculadas no jornal “Diário Popular”, é possível perceber que o professor era membro influente na “Sociedade Cooperativa Vitivinícola”, uma associação organizada para tratar questões referentes à plantação de uvas na Colônia Maciel. De acordo com os periódicos locais, o professor exercia a função de secretário e de orador nos momentos necessários. Com isso, pode-se observar que a permanência do professor na escola e a própria manutenção da instituição foi influenciada pela figura pessoal do professor, bem como por seu vínculo com a comunidade.

Nota-se a relevância deste profissional na comunidade, não apenas atuando como docente, mas também como a pessoa que iria concentrar suas funções numa sociedade cooperativa. A mesma reportagem do Diário Popular revela que a diretoria foi escolhida por votação. Nesta perspectiva, pode-se inferir que ele era a pessoa com o maior nível de instrução do local e, por atuar como professor, era também escolhido para a tarefa de secretariar a cooperativa.

No jornal *A Opinião Pública*, no ano de 1940, foi publicada a notícia com o seguinte título: “A Sociedade Cooperativa Vitivinícola Pelotense Ltda. homenageou, ontem, na Colônia Maciel, ao dr. prefeito municipal”. Nessa matéria, foi relatado que a comitiva do poder público municipal foi recepcionada pela comunidade local, juntamente com o cônego Jacob Lorenzet, antigo vigário da localidade e produtor de vinhos. Dentro das comemorações, houve missa na Igreja Católica, com a presença do coral da igreja, o qual, conforme o periódico, era formado “pelas alunas do professor José Rodeghiero”. Após a missa, participaram do almoço oferecido, sendo que, nesse momento, discursou em nome da cooperativa o professor José Rodeghiero e, depois, o Cônego Jacob. Nesse momento, é possível notar o entrelaçamento entre a escola e a instituição religiosa do local.

Percebe-se, nas notícias veiculadas, a menção à comunidade, a figura do professor e do padre, denotando a importância atribuída a estas pessoas pelo grupo local, sendo que a instituição religiosa (de orientação católica) estava presente na vida comunitária. Da mesma forma, o professor José Rodeghiero era legitimado pelos moradores da região, exercendo funções para além das atividades de sala de aula.

Nas narrativas orais, alguns entrevistados ressaltam que o professor também se ocupava da plantação de uvas e fabricação de vinhos na localidade e, por isso, era membro desta associação. No manuscrito, foi mencionado o assunto:

Foi conseguido o Fundo de Reserva da extinta Soc. Coop. Viti-vinicola Pelotas Ltda de que era presidente o prof. José Rodeghiero na importância de mil e duzentos e seis cruzeiros da Caixa Escolar desta escola e aplicados em favor dos alunos pobres e há compra de uma ótima pêndula (MANUSCRITO, 1949).

Neste trecho, pode-se identificar que a escola pública, recebeu auxílio financeiro da Sociedade Vitivinícola, da qual o professor fazia parte. A comunidade local se envolvia com a instituição escolar, e o professor José Rodeghiero, por estar envolvido no meio comunitário e ser morador da localidade, fazia essa mediação.

Na mesma notícia, relata-se a solenidade ocorrida, a Escola Garibaldi mencionada como o lugar onde se realizou a assembleia. É possível pensar na escola como um importante espaço para a comunidade. Nessa conjuntura, a escola representava uma conquista relevante para a população local, bem como seu espaço era compartilhado por diferentes entidades cooperativas e religiosas.-

Nos periódicos *A Federação* e *O Momento*,²³ há notícias sobre a atuação da “Sociedade Cooperativa Vitivinícola”. No jornal *A Federação*, em data de 25 de abril de 1935, noticia-se a chegada da caravana de vitivinicultores pelotenses à capital do Estado para uma reunião com o governador. Nessa reportagem, mencionam-se os nomes das pessoas envolvidas, sendo que o professor é citado, bem como o padre

23 As edições dos jornais: *A Federação* e *O Momento* estão disponíveis neste link: <http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx>. Neste texto a importância da sua utilização se dá pelo fato de terem sido encontradas, nos periódicos, notícias relevantes sobre o professor, as quais fornecem subsídios para o desenvolvimento do texto.

da igreja local, Jacob Lorentz. A matéria do jornal *O Momento*, em data de 02 de maio de 1935, refere-se à visita desta caravana à cidade de Caxias do Sul, com o objetivo de conhecer vinícolas e cantinas na Serra Gaúcha. Assim, é notável, através da reportagem na imprensa jornalística, o envolvimento nesta sociedade tanto do professor quanto do padre local.

Ainda, estudando os periódicos, sobre o ensino rural há informações sobre os salários dos professores, conforme a notícia: “Precária a situação dos nossos professores rurais; Pleiteiam do prefeito Albuquerque Barros o aumento dos vencimentos. Recebem, mensalmente, 165\$000” (DIÁRIO POPULAR, 24/06/1942 p. 8). Conforme o periódico, um dos motivos para a precariedade do ensino era o baixo salário dos docentes.

Interessante observar e cruzar os dados com o manuscrito que o professor José Rodeghiero escreveu sobre a Escola Garibaldi, no qual registra alguns acontecimentos da escola e contém trechos sobre a remuneração dos docentes, conforme o documento:

Ora os vencimentos do professor eram primeiramente Cr\$ 150,00, anos depois passaram a ser Cr\$ 165,00, até 1943. Passando depois para Cr\$ 300,00 e depois para Cr\$ 350,00 felizmente nesta data para Cr\$ 525,00, animando assim o ânimo do professor, para com mais eficiência desempenhar a sua missão (MANUSCRITO, s/d.).

O professor registrou o aumento salarial que recebeu ao longo de sua atuação, o que está em consonância com a publicação do periódico. O fato de o jornal noticiar sobre este aumento de salário denota uma propaganda do poder público para ressaltar que estava preocupado com esses assuntos. Nos decretos municipais, no ano de 1948, encontram-se registros da gratificação ao professor, conforme o documento: “Concede a gratificação adicional de 15% ao funcionário José Rodeghiero” (DECRETO, 1948)

Sobre a relação do professor como comunitário local, surgem memórias acerca da sociedade vitivinícola. Em uma das entrevistas:

P: E quem que era o presidente da cooperativa?

E: Poxa eu nem sei te dizer. Mas, eu acho que era o José Rodeghiero, porque ele estava muito envolvido, o professor [...] (MECOM 14/2)²⁴.

Nas entrevistas com os filhos dos professores estes trazem a seguinte memória:

P: Seu pai chegou a fazer bastante vinho?

E: Ih, bah, ele foi o fundador, tanto, que vocês já sabem, da Escola Garibaldi, como da Cooperativa Vitivinícola Pelotas Ltda [...] (MECOM 5).

P: Mas olha. Precisava ele estar vivo hoje para contar. O que ele passava de trabalho. Sozinho. Então ele ia, às vezes ele ia até uma hora da madrugada. Ele sentava e se enrolava numa coberta e puxava assim nos pés, fazendo tema. Para todas as cinco turmas. É um bocado né? (MECOM 5)²⁵.

24 Dados da entrevistada: aluno da Escola Garibaldi nos anos de 1940; morador da Colônia Maciel.

25 Idem nota 7.

É importante pensar que essas memórias evocadas pelos filhos do professor Rodeghiero estão envolvidas de afeto e admiração pela figura paterna. Entretanto, para o pesquisador, é necessária atenção para não somente reproduzir essas narrativas, mas analisá-las dentro de um contexto. Porém, essas narrativas não são inválidas, pelo contrário, configuram-se como relevantes na constituição da problematização. Por exemplo, é possível perceber que os filhos do professor estão imbuídos da memória coletiva sobre seu pai, os moradores da localidade e ex-alunos do professor rememoram a partir da memória que foi construída coletivamente sobre o docente. Pode-se, neste momento, utilizar os estudos de Halbwachs (2003) acerca da memória coletiva, quando o autor escreve que a memória individual está influenciada pela coletiva.

Na citação acima, é ressaltado que o professor Rodeghiero foi o fundador da Escola Garibaldi. Aqui é necessário pontuar que nas fontes documentais encontradas sobre o surgimento da Escola Garibaldi, consta que esta foi construída pelo poder público municipal. Novamente relaciona-se com a memória, o que ficou registrado é a participação do professor no meio escolar e comunitário, pois como já foi discutido, a memória é o que ficou do vivido e não a sua totalidade. Entretanto, como nos dias atuais, a instituição escolar é apoiada pela comunidade local, isso poderia ter acontecido no seu início, sem deixar registros por escrito.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo central abordar a trajetória do professor Rodeghiero enquanto esteve atuando na Escola Garibaldi, no interior do município de Pelotas (RS), na localidade da Colônia Maciel. A colônia foi constituída a partir do processo migratório de italianos ocorrido em fins do século XIX. Desta forma configuraram-se como fundamentais para a investigação proposta, as discussões acerca da identidade étnica, ressaltando o entendimento de identidade como algo construído histórica e socialmente e não um dado posto, pois estas reflexões auxiliam na problemática central do trabalho.

A instituição escolar e a permanência do professor não estão dissociadas de um contexto maior em que a pesquisa está inserida. Justino Magalhães (2011), ao escrever sobre a municipalização pedagógica, esclarece que é importante estar atento ao local pesquisado para entender as generalidades ou especificidades do estudo. A partir da leitura dos jornais, percebe-se que a Escola Garibaldi e o professor José Rodeghiero não são noticiados com frequência. Acerca da escola, há uma notícia do ano de 1938 tratando de uma reunião da comunidade realizada no prédio da escola. Aqui, se pode pensar na escola como um importante espaço para a comunidade. Esta se apropriava daquela para além das atividades de sala de aula. Nesta conjuntura, a escola representava uma conquista relevante para a população local. Sobre o professor José Rodeghiero, encontra-se, no ano de 1929, uma matéria com os nomes dos professores aprovados em concurso para dar aulas no interior do município de Pelotas, e o professor é mencionado. Além disso, o que se encontrou foram notícias relacionadas à atuação do professor na Vitivinícola da comunidade. Com isso, percebe-se a atuação do profissional não só no espaço escolar, mas também na comunidade. Sabe-se que, por ser um grupo de descendentes de imigrantes, as discussões étnicas não podem estar distanciadas. Anterior ao professor José Rodeghiero, as outras escolas que existiram na localidade não tiveram duração prolongada, fato

esse atribuído à não adaptação da comunidade aos professores. Conforme as fontes, nos primeiros tempos após a colonização do local, havia o interesse na manutenção da língua italiana e, na escola, o professor ensinaria na língua portuguesa, o que, além de dificultar a alfabetização, também envolvia um aspecto étnico no interesse na preservação do idioma, sendo que escolas eram fechadas com o motivo da falta de frequência. É necessário problematizar que a Garibaldi começou a funcionar como escola pública. Sendo assim, os pais dos alunos não precisavam subsidiar o salário do professor como na escola comunitária. Entretanto, a escola pública estadual existente na localidade também acabou sendo fechada. Quando então o professor assume a docência na instituição escolar, permanece durante muitos anos na escola. Conforme se mencionou, o professor exercia as atividades de secretário e orador da Sociedade Cooperativa Vitivinícola. Em comunidades rurais, o professor, por vezes, cumpria um papel a mais do que o exercício da docência e, nesse contexto, por ser talvez a pessoa da comunidade com um nível de instrução maior, exercia as funções de secretariar a cooperativa.

O professor, ao escrever o documento manuscrito sobre a história da escola, demonstra a vontade de que seus sucessores continuem a fazer o registro. Através desse manuscrito, além de ser possível pensar sobre a produção do documento e, igualmente, a preservação desse material considerado como uma escrita ordinária, também denota um interesse na sua salvaguarda. Como indica Costa (2015), escrever e guardar está atrelado a uma memória que se preserva junto a esses documentos. Também, com o documento do professor encontram-se alguns dados importantes para a análise do artigo. Através deste, foi possível perceber a rotatividade dos outros professores na Escola Garibaldi. Quando, a partir de 1945, foi introduzido na escola um segundo turno, as professoras permanecem por um curto período na instituição, às vezes alguns dias somente. Da mesma forma, após a saída de José Rodeghiero da instituição, a rotatividade dos professores foi maior.

Na memória dos entrevistados, especificamente sobre o professor, estes lembram o fato de o docente ser da mesma localidade, residir na Colônia Maciel com sua família. Rememorações evidenciando as relações de amizade com o professor e familiares são ressaltadas pelos narradores, o que denota novamente a inserção do professor na comunidade. Outra fala recorrente nos entrevistados é sobre a descendência do professor ser italiana, filho de imigrantes italianos, o que reforça o pertencimento e sua identidade, sempre ressaltando o entendimento desses termos como algo construído ao longo dos anos e não algo imutável. Ainda, sobre as memórias acerca do professor, uma recorrência tanto nas entrevistas realizadas quanto nas constituídas como acervo do MECOM, é o fato de o professor ser muito rígido com os alunos. Era exigido muito respeito e disciplina em sala de aula, sendo o uso da palmatória considerado uma prática normal neste contexto, conforme as narrativas. Nem mesmo com os filhos era permitido pelo professor outro comportamento que não esse. Com isso, enxerga-se, nas narrativas, que o professor era legitimado pela comunidade escolar dos pais, como aquela pessoa capaz para exercer o exercício da docência, mesmo que, para isso, precisasse aplicar castigos aos alunos.

Por fim, esse artigo reuniu alguns elementos indicadores da trajetória do professor José Rodeghiero e sobre sua atuação docente na Escola Garibaldi, na comunidade da Colônia Maciel. Ainda, foi relevante perceber a importância do grupo em relação a religiosidade, observando que nas solenidades e festividades locais

o padre local e o professor eram figuras importantes, sendo sempre citados nas matérias jornalísticas.

Fontes pesquisadas

A FEDERAÇÃO. **Edição de janeiro de 1918 e 1925**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2016.

A OPINIÃO PÚBLICA. **Edições de 1928 a 1950**. Bibliotheca Pública Pelotense, Pelotas/RS.

DIÁRIO POPULAR. **Edições de 1928 a 1950**. Bibliotheca Pública Pelotense, Pelotas/RS.

J. C. depoimento [jun. 2015 e jul. 2016]. Entrevistadora: Renata Brião de Castro, 2015, Pelotas. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

M. E. C. depoimento [ago. 2015 e fev. 2016]. Entrevistadora: Renata Brião de Castro, 2015, Pelotas. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

MANUSCRITO DA ESCOLA GARIBADI. Histórico da Escola Garibaldi escrito pelos professores da instituição escolar.

MANUSCRITO. Histórico da Escola Garibaldi escrito por José Rodeghiero.

MECOM. Banco de imagens e sons do Museu Etnográfico da Colônia Maciel, 2006.

N. R. depoimento [set. 2016]. Entrevistadora: Renata Brião de Castro, 2016, Pelotas. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

O MOMENTO. **Edição de 1935**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx>>. Acesso em 10 de maio de 2016.

O. C. depoimento [jul. 2015]. Entrevistadora: Renata Brião de Castro, 2015, Pelotas. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

P. P. depoimento [jul. 2015 e set. 2016]. Entrevistadora: Renata Brião de Castro, 2015, Pelotas. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

Referências

AMADO, Janaína. *O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral*. **História**, São Paulo, v. 14, p. 125-136, 1995.

AMARAL, Giana Lange do; WEIDUSCHADT, Patrícia; CASTRO, Renata Brião de. O Almanack Escolar do Estado do Rio Grande do Sul de 1935: apontamentos sobre os professores dos colégios elementares e grupos escolares. In: GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S.; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (orgs.). **Colégios Elementares e Grupos Escolares no Rio Grande do Sul: memórias e cultura escolar**. São Leopoldo: Editora Oikos, 2016.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. 4. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/20613741>>. Acesso em 09 jul. 2016.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: TA, 1994.

CANDAUI, Joel. **Memória e Identidade**. 1.ed. 1.reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CASTRO, Magali de; RAPOSO, Lucy Rosane de O. V. Memória e docência: estudo sobre a permanência de professor em escolas rurais. In: CARVALHO, Carlos Henrique de; CASTRO Magali de (orgs.). **Educação rural e do campo** Uberlândia: EDUFU, 2014, p. 153-186.

COSTA, Bruna Frio. **Fios de Memória: rastros do manuscrito da família Rojas no Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula**. 2015. 125f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

DIAS, Amália. Escolas isoladas e práticas de seriação: experiências híbridas (1929-1949). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 16, n. 2, p. 233, 2016. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/927>>. Acesso em 15 mar. 2016.

GEHRKE, Cristiano. **Imigrantes italianos e seus descendentes na zona rural de Pelotas/RS**: representações do cotidiano nas fotografias e depoimentos orais do Museu Etnográfico da Colônia Maciel. 2013. 405f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LUCHESE, Terciane Ângela. **O processo escolar entre imigrantes na região colonial italiana do Rio Grande do Sul, 1875 a 1930**: leggere, scrivere e calcolare per essere alcuno nella vita. 2007. 495f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. Os Arquivos e os Museus Autárquicos na Construção do Município Pedagógico. 10º ENCONTRO NACIONAL DE ARQUIVOS MUNICIPAIS, 10., 2011. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/5178>>. Acesso em 15 de mar. 2016.

MERLO, Márcia. As vozes do Bonete, uma face de Ilhabela. In: DIEGUES, Antônio Carlos S.(Org.). **Ilhas e Sociedades Insulares**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1997, p. 111-136.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, p.7-28, 1993. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em 15 mar. 2016.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

RELATÓRIO DA INTENDÊNCIA. Apresentado ao Conselho Municipal em 20 de setembro de 1927 pelo intendente Drº Pedro Luis Osório, Livraria Globo Pelotas, 1927.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Espaços, usos e funções; a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In: BENCOSTTA, Maucus Levy (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 15-47.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomás T. da (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 7-73.

Enviado em: 18/abril/2017

Aprovado em: 05/junho/2017